



# **Espiritualidade para a Missão Inter Gentes junto aos Migrantes**

Sidnei Marco Dornelas, cs

*O cumprimento definitivo do encontro entre Deus e a humanidade, acontecido em Jesus, homem universal, nos impulsiona a caminhar como Igreja peregrina entre os homens e as mulheres das sociedades multiculturais de hoje e a anunciar-lhes o mistério da comunhão trinitária, pelo qual o diálogo entre o Pai, Filho e Espírito Santo se apresenta a nós como possibilidade e modelo de toda relação. O acolhimento, a itinerância e a comunhão na diversidade são, neste caminho, os aspectos específicos que a Igreja nos interpela a testemunhar.*  
**Texto base Traditio Scalabriniana n. 4**

## **Espiritualidade para a Missão *Inter Gentes* junto aos Migrantes**

*Pe. Sidnei Marco Dornelas, cs\**

Após 50 anos da celebração do Concílio Ecumênico Vaticano II, a Igreja parece estar redescobrimo como a missão é fundamental para a sua presença no mundo. Em tempos de globalização, em que as fronteiras geográficas da terra parecem terem sido completamente devassadas, a verdade enunciada pelo Decreto *Ad Gentes* parece ganhar mais clareza e fecundidade: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho

---

\* Pe. Sidnei Marco Dornelas atualmente trabalha como assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). As reflexões propostas nesse texto se servem de uma releitura e reatualização da dissertação de mestrado “O agente de pastoral e o diálogo entre a Igreja e os migrantes: abordagem teológico-pastoral”, publicada como o capítulo II do livro: NASSER, Ana Cristina Arantes; DORNELAS, Sidnei Marco, “Pastoral do Migrante: relações e mediações”, São Paulo, CEM/Ed. Loyola, 2008. O conteúdo trabalhado pode ser encontrado nas páginas 230-234, 244-247, 250-264

e do Espírito Santo” (AG 2). Num mundo cada vez mais fechado sobre si mesmo, aparentemente sem horizontes para se expandir, e cuja instabilidade se manifesta pela intensificação dos fluxos migratórios, a Igreja redescobre sua vocação “peregrina” e missionária. A missionariedade da Igreja brota da Trindade, e como em suas origens bíblicas e históricas, é conduzida a se identificar com aqueles que vivem em deslocamento, e que muitas vezes não têm qualquer pátria. É em meio a essa realidade que hoje se houve falar da “missão *inter gentes*” (em contraponto ao que ainda hoje chamamos de missão “*ad gentes*”). Entre os povos em mobilidade surgem novos âmbitos de missão, onde podemos ter a oportunidade de outros encontros motivados pelo Espírito.

Hoje, o “estrangeiro” deixou de ser alguém distante. É nosso vizinho e nosso próximo, nas ruas e praças, no trabalho e no comércio, no transporte público e nos postos de saúde, e também nas salas de nossas igrejas. Com eles descobrimos que também nós estamos apenas de “passagem”... Que espiritualidade pode emanar desses encontros e desencontros diários? Que espiritualidade missionária se pode esboçar em nosso cotidiano, como oportunidade para evangelizar e sermos evangelizados pelo migrante, o “estrangeiro”? Ou melhor, como dar lugar ao “Espírito”, nesses encontros “*inter gentes*”, em que somos chamados a ser missionários scalabrinianos, rosto da Igreja junto aos migrantes?

## **Repondo a espiritualidade missionária**

Há quem diga que o Papa Francisco tenha trazido “Aparecida” para a Santa Sé, e resolveu espalhar suas intuições por todo o mundo, servindo-se da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Com efeito, existe uma linha de pensamento comum, para não dizer uma mesma convicção do poder renovador da missão na vida da Igreja. Se a missão brota do coração da Trindade, então faz parte da natureza da Igreja estar “em estado permanente de missão”, e dessa forma a missão é, com efeito, o “paradigma de toda obra da Igreja” (EG 15). Essa mesma intuição

guiou a releitura do trabalho evangelizador da Igreja realizado na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ocorrida em Aparecida (2007). Guiou também a originalidade da proposta de Nova Evangelização que daí emergiu, a “Missão Continental”, e isso a partir de um convite a que todo cristão e batizado reencontre sua identidade a partir da experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo. Essa é a experiência transformadora do “discípulo missionário”, cuja alegria...

*“...não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAp 29).*

A alegria do discípulo se manifesta na realização da missão, entre as pessoas no cotidiano, na medida em que a fé transborda em atitudes de compromisso e doação, que podem chegar ao extremo da entrega de sua vida: *“Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: a vida se alcança e amadurece à medida em que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão” (DAp 360).*

O Papa Francisco fala então da “alegria do evangelho”, do discípulo que incessantemente se coloca em missão, no se fazer próximo de todos, na multiplicidade das oportunidades de encontros que nos oferece o cotidiano de nossas cidades. Em tudo se aproximar e fazer comunhão. Num itinerário ao mesmo tempo pedagógico, missionário e espiritual, por meio de cada discípulo missionário, a Igreja se coloca “em saída”, como *“comunidade de discípulos missionários que ‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam” (EG 24).* Ao mesmo tempo em que cria novas oportunidades de encontros, vai aprofundando e dando continuidade aos encontros feitos anteriormente, estendendo a tessitura de laços humanos que compõem qualquer comunidade. O “pastoreio” do discípulo

missionário se realiza em proporcionar esses encontros, que podem conduzir propriamente ao encontro com o Senhor: na Igreja, na liturgia, na oração, pela Palavra de Deus, no contato com os pobres, com a religiosidade popular (DAp 243-265).

A espiritualidade do discípulo missionário, portanto, se forma e se alimenta nos encontros do cotidiano. A missão começa no “sair” e se “aproximar”; como Igreja ir ao encontro dos chamados “afastados”. Assim, podemos dizer que a disponibilidade para a missão não é tão somente o fruto esperado de um itinerário formativo espiritual, mas que a própria prática da missão é condição para proporcionar o “lugar” de encontro com o Senhor, que fará amadurecer progressivamente o compromisso e a espiritualidade missionária. O próprio sentido de pertença à Igreja amadurece na missão: *“A maturidade eclesial é consequência e não apenas condição de abertura missionária”* (CNBB, DGAE 2015-2019 §78). É dessa forma que podemos entender o apelo da Igreja para novas formas de viver a missão, não apenas em regiões geográficas em que o cristianismo ainda é minoritário ou a Igreja é insuficientemente organizada. O impulso missionário que brota do coração de Deus aponta hoje para os muitos cenários da globalização, em que as pessoas em mobilidade, suas famílias e grupos de referência, pedem pela nossa aproximação.

A espiritualidade missionária é chamada a se alimentar nessas novas frentes missionárias. Considerando que a Igreja permanece sendo “mãe”, “sem fronteiras”, “familiar”, na instabilidade desse mundo, mais do que nunca ela é chamada a se redescobrir como peregrina com os peregrinos. Por isso, *“considera indispensável o desenvolvimento de uma mentalidade e espiritualidade a serviço pastoral dos irmãos em mobilidade”* (DAp 412). Pode-se dizer que os migrantes são hoje, propriamente, a grande frente missionária *inter gentes* na sociedade atual. Ao se aproximar, se envolver, acompanhar, valorizar cada fruto de crescimento na vida e na fé, saber celebrar e festejar junto aos migrantes, o discípulo missionário pode ajudar a proporcionar novos “lugares de encontro com o Senhor”, e saber gestar novas formas de se viver a espiritualidade missionária da Igreja.

## Agente de mediação e missionário “*inter gentes*”

O apelo missionário na Igreja ganhou uma nova urgência e tem buscado novos métodos para saber responder aos desafios dos novos cenários do mundo globalizado. Nele predomina a descontinuidade dos múltiplos ambientes da realidade urbana, povoada pelas inúmeras faces de pessoas e grupos herdeiros das gerações posteriores à descolonização. Se, durante o longo período do colonialismo europeu, a missão *ad gentes* floresceu e deu contornos à Igreja tal qual a conhecemos hoje, e os vários institutos de vida consagrada souberam enriquecer suas espiritualidades e suas práticas pastorais a partir dos contatos com povos tão diversos, é preciso admitir também que a Igreja ainda está por tirar as lições de sua inserção no mundo pós-colonial, e encontrar os caminhos da missão nessa nova realidade. Se por um lado, com as migrações internacionais, nas suas múltiplas vertentes, testemunhamos um contexto sociocultural que se manifesta como o reverso da modernidade colonizadora, por outro, podemos dizer que nesse contexto, a missão *inter gentes* junto aos migrantes surge como uma oportunidade que nos é dada para construir novos métodos pastorais e discernir novos caminhos para a espiritualidade missionária da Igreja.

Dessa forma, vale notar como apenas alguns anos após o Concílio, os vários campos de ação da pastoral da mobilidade humana foram se organizando e se institucionalizando, seja em nível de Santa Sé, seja em nível de Igrejas Locais. Concomitantemente, a presença missionária se desdobrou em inúmeras iniciativas e contatos, em que se fez valer o testemunho de fé de inúmeros cristãos, junto às pessoas em mobilidade. Foram acontecendo em ambientes e com pessoas tão distintas, como é distinto e variado o imenso campo da mobilidade humana nesses tempos de globalização: entre os refugiados e estudantes internacionais, os trabalhadores marítimos e dos portos, da estrada, aqueles que circulam pelas rodoviárias, os migrantes e itinerantes, nômades e peregrinos, turistas e trabalhadores temporários, aqueles vitimados de diferentes formas pelo tráfico de pessoas e pelo trabalho forçado, imigrantes de todas as origens e nacionalidades,

de tradições culturais e religiosas as mais variadas, de inusitadas trajetórias de vida. O missionário é sempre chamado a ir além da mera assistência. O encontro na fé pede que se redescubra em cada um a pessoa a ser resgatada, e interagindo com ela e seus grupos de referência, refazer os laços da comunhão que humaniza cada um de nós.

Podemos dizer então que é nesses novos âmbitos, ambientes e cenários, que o missionário, na interlocução com as pessoas em mobilidade, como agente de mediação inserido em seu meio, poderá haurir uma nova espiritualidade missionária e descobrir novos caminhos de pastoral para a Igreja. A Exortação Apostólica *Redemptoris Missio*, na tentativa de atualizar a reflexão do Concílio sobre a missão, procurou discernir quais os novos campos de missão na sociedade contemporânea. Após distinguir o que seria o campo próprio do cuidado pastoral (dos batizados que habitualmente participam de nossas Igrejas e frequentam nossos grupos de pastoral), da missão *ad gentes* (lugares e povos onde as Igrejas ainda são insuficientemente implantadas ou organizadas) e da Nova Evangelização (ir em busca dos “afastados” de nossas sociedades secularizadas e descristianizadas), chega a admitir como esses diferentes campos tantas vezes se confundem: “*De resto, os confins entre o cuidado pastoral dos fieis, a nova evangelização e a atividade missionária específica não são facilmente identificáveis, e não se deve pensar em criar entre esses âmbitos barreiras ou compartimentos estanques*” (RMi 34). Com efeito, na medida em que avança a mundialização das relações econômicas e sociais, as distâncias diminuem e cresce a sensação do tempo imediato, se adensam a superposição e simultaneidade dos encontros e relações humanas e a distinção entre esses campos se torna ainda mais confusa e complexa.

É nesse âmbito que somos convidados a repensar a missionariedade da Igreja como missão *inter gentes*, assim como a própria identidade do missionário. Entre tantos ambientes e grupos, em sociedades secularizadas e pragmáticas, o missionário com frequência se vê engajado em atividades díspares, em relação com instituições e entidades diversas, de orientações ideológicas distintas, mantendo uma agenda intensa, cujos compromissos se

sobrepõem. Nesse cotidiano e sob essa rotina, ele não difere da maioria das pessoas que devem constantemente construir e reconstruir sua identidade frente a uma multiplicidade de referenciais fornecidos pela sociedade globalizada. Sendo missionário enviado pela Igreja nesse contexto, ali deve alimentar seu compromisso de fé, ao mesmo tempo em que encarna sua prática pastoral como ação da Igreja em meio a esse “feixe” de relações que constitui seu cotidiano. Assim, a missão se realiza na multiplicidade de seus engajamentos, que são tantas vezes conflitantes e exigem um diálogo intenso com outros tantos agentes (pessoas, grupos, entidades, autoridades) que também compõem a realidade complexa e cheia de conflitos em que vivem os migrantes. E, portanto, também fazem parte da missão da Igreja nesse contexto. Representando a Igreja nas suas relações com os migrantes, e com todo seu universo relacional, também aí o missionário deve exercitar o diálogo para ensinar nesse meio a ação pastoral da Igreja. Assim, o missionário *inter gentes* junto aos migrantes vive sua missão como a de um agente de mediações, de cuja lucidez de entendimento dependem a efetividade e o amadurecimento da missão da Igreja no mundo das pessoas em condição de mobilidade.

A missão *inter gentes* pede, então, para se repensar a própria inculturação no âmbito dessa sociedade de fluxos constantes, globalizada e multicultural. A “inculturação da fé”, após o Concílio, durante os anos 1970, veio atualizar a postura do missionário, num ambiente de crítica severa a todo etnocentrismo herdado dos tempos do colonialismo europeu. Por isso, a *Evangelii Nuntiandi* pede que a ação evangelizadora se esforce por...

*“...atingir, e como modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras, e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da Salvação” (EN 19).*

A inculturação da fé é então evangelizar a partir (e no respeito) dos mais genuínos padrões culturais dos povos alcançados pela presença do missionário, e vividos num cotidiano compartilhado. Ora, mais do que nunca as pessoas e grupos em mobilidade demonstram que mesmo o nosso entendimento de cultura e inculturação da fé devem passar por uma revisão. A própria noção de cultura vem sendo repensada, na medida em que a interação entre povos de tradições tão diversas, num ambiente global dominado pela indústria cultural, faz com que as práticas culturais sejam mais híbridas, fluidas, se redefinindo permanentemente. Os próprios grupos em mobilidade, sobretudo seus membros mais jovens, redefinem sua identidade, suas práticas religiosas e sua concepção de mundo em função de novos cenários em permanente transformação.

Então, como pensar e atuar a missão, quando a própria inculturação deve pressupor cenários móveis, frequentemente provisórios, imprevistos e imprevisíveis? Atuando entre as pessoas em mobilidade, interagindo entre seus grupos e a sociedade que as envolve, sendo mediador com a Igreja Local, o missionário deve saber se aproximar e “conversar” com os diversos atores, além dos próprios migrantes. Essa “conversação” deveria se pautar por duas características, duas qualidades humanas, que deveriam acompanhá-lo no cotidiano da missão: ser “facilitador” e “intérprete”. “Facilitador” porque o missionário na sociedade complexa deve assumir também a função de mediador cultural, e mesmo indo além, ao permitir que não apenas as pessoas em mobilidade possam exprimir suas demandas sociais, mas também “facilitar” para que haja liberdade e confiança suficientes, e elas possam se manifestar como realmente são. E “intérprete” também, pois o compromisso com as pessoas em mobilidade deve levar a não somente apresentar de maneira justa as demandas dessas pessoas, e saber comunicar o que as instituições sociais lhes solicitam (inclusive a Igreja), mas principalmente traduzir em termos fieis as condições de vida em que se encontram os migrantes. A “tradução cultural” assumida pelo missionário deveria torná-lo um “canal” confiável pelo qual os migrantes poderiam se inserir e participar ativamente na sociedade (e também na Igreja)

que o recebe, mas também, por uma ação de convencimento, ajudar a sociedade (e a Igreja) a acolhê-lo como verdadeiro cidadão.

No entanto, para o missionário, inculturar-se entre os migrantes na sociedade globalizada implica em algo mais do que ser um mediador cultural, facilitador e intérprete, para ajudá-los a se inserirem e ganharem reconhecimento social e político. A “tradução cultural” na convivência do cotidiano, entre pessoas de tradições e identidades providas de formações culturais distintas, sempre esbarra na irredutibilidade das condições sociais que forjam a identidade de cada um. Nesse sentido, a inculturação da fé acredita na possibilidade de transcender as condições inerentes a qualquer relação social, que normalmente enquadram as mediações culturais e religiosas. O que ela busca, sobretudo, é possibilitar uma forma de vivência da fé no exercício dessas mediações. O missionário *inter gentes* é chamado a proporcionar lugares e tempos que permitam a ação do Espírito, o encontro com o Senhor, considerando as condições de vida dos migrantes, numa sociedade marcada pela mobilidade e provisoriedade, seus encontros e desencontros cotidianos, suas assimetrias e contradições. É no cotidiano dessas relações e mediações, *inter gentes* junto aos migrantes, que o missionário pode se tornar um “homem-ponte”. Nessa “passagem”, por meio de outras formas de travessia e encontros, ao ensinar oportunidades novas de vivenciar a “páscoa” do Senhor, a espiritualidade scalabriniana poderia dar também a sua contribuição original ao atual momento missionário da Igreja.

### **Traços de uma espiritualidade missionária *inter gentes* junto aos migrantes**

A prática do missionário nessas relações e mediações junto aos migrantes se confunde com aquela exercida por um mediador cultural. Nelas se tocaria o seu limite humano, enquanto autênticas relações de “conversação” entre um cooperador social e o migrante, nos contextos em que essas diferentes práticas e discursos se confrontariam nas situações de conflito do cotidiano da sociedade contemporânea. Num ambiente de fé, poderíamos vislumbrar a

possibilidade de transcender estes limites através de uma mediação advinda da vivência de uma espiritualidade, para compartilhar no encontro com o migrante, um autêntico lugar teológico. O inexprimível do encontro no Espírito aí realizado poderia ser testemunhando como experiência de fé genuína diante de toda a Igreja. Seria uma oportunidade para um discernimento no Espírito, para o missionário e demais agentes de pastoral, para os próprios migrantes e suas coletividades, do seu significado para a Igreja e a sociedade.

Tentaremos apresentar aquelas que chamaríamos de qualidades teológicas, que um missionário poderia exercer para vivenciar no Espírito esse encontro com o migrante, de maneira que ele possa se tornar esse “homem-ponte” entre a Igreja e os migrantes.

#### **a) *Kénosis*: discipulado e envio missionário**

O “pastoreio” que o missionário é chamado a vivenciar junto aos migrantes é antes de tudo a vivência de uma vocação. Vocação que é interpretada como chamado que advém do encontro com o Cristo Pastor, aquele que “dá a vida por suas ovelhas” (Jo 10,11b). A expressão mais radical dessa identificação a encontramos no cântico de Filipenses (Flp 2,5-10), na qual o *kerigma* cristão aparece na forma de *kénosis*, ou o “autoesvaziamento” de Jesus, que, sendo de condição divina, se “esvazia” de sua glória para assumir a condição de escravo, do mais desprezado dos seres humanos, até morrer na cruz. Ao ressuscitar, Jesus foi enaltecido pelo poder de Deus, permitindo assim o resgate de todo ser humano submetido à escravidão do pecado e da morte. Dessa forma se cumpriu o desígnio de salvação de Deus, e o Evangelho de Jesus se tornou o caminho de libertação para todo ser humano.

A *kénosis* de Jesus, em que o Bom Pastor se esvazia de si mesmo para salvar a ovelha perdida, dessa forma, tornou-se o paradigma que interpela o discípulo missionário comprometido com as pessoas submetidas à mobilidade humana, sobretudo

aquelas que vivem no limiar do esvaziamento de sua dignidade. De um lado, o missionário, identificado com o Cristo na vivência de sua vocação, deve realizar sua própria *kénosis* para se inculturar no mundo dos migrantes, e poder assim dialogar e se encarnar em meio às expressões genuínas de sua condição de vida. De outro, por meio dessa relação se torna capaz de perceber que o próprio migrante representa, em situações cruciais de sua condição de vida, sob a ótica desse paradigma de fé, uma expressão viva da *kénosis* vivida por Nosso Senhor. Na experiência desses encontros, pelo olhar da fé, o discípulo missionário muitas vezes é confrontado com a presença do próprio Cristo, encarnado na vida sofrida das pessoas em mobilidade.

Assim, ao buscar o significado da existência de Jesus como Filho de Deus, pela leitura do Evangelho, a *kénosis* se apresenta como um paradigma de interpretação em toda sua trajetória de vida. Originário da Galiléia, região periférica, lugar de passagem de caravanas, de um povo visto como mestiço, ignorante e supersticioso, Jesus foi considerado por isso “impuro” pelas autoridades de Jerusalém. Como “mestiço”, Jesus viveu a condição de um pertencimento subalterno ao povo de Israel, e foi sob esta condição que anunciou o Reino de Deus, e por isso foi perseguido, julgado injustamente, condenado e morto na cruz. A este galileu inocente, crucificado, Deus ressuscitou e constituiu Senhor dos vivos e dos mortos, como afirma desde o início a fé da Igreja (At 2,36). Ao mostrar a *kénosis* de Jesus, que se fez estrangeiro, viajante, hóspede, pedindo abrigo e água, o Evangelho evidencia como o Filho de Deus se identifica ainda hoje com a condição de vida dos migrantes, em sua situação de provisoriedade permanente, no limiar de todo pertencimento étnico, nacional ou religioso. Na sua trajetória de “esvaziamento”, ao se apresentar como aquele que “não tem onde reclinar a cabeça”, Jesus se identificou com todo aquele com quem ninguém se identifica, que carece do reconhecimento de sua identidade/alteridade, e acaba reduzido ao limite de sua humanidade. A *kénosis*, enquanto a trajetória de “esvaziamento” do Filho de Deus para se identificar com todo ser humano, até o limite do reconhecimento de sua humanidade, encontra seu completo cumprimento na cruz. Acolher na fé a

vitória da ressurreição significa, para o discípulo missionário, identificar-se com a aprovação do Pai à opção de vida de Jesus, e assumi-la como paradigma de comprometimento na missão.

Reler o Mistério revelado na vida e ministério de Jesus, à luz desse paradigma, permite também reinterpretar essa proposta específica de espiritualidade missionária, daqueles que se identificam com a sorte das pessoas em mobilidade. De fato, o próprio apóstolo Paulo, na motivação que introduz esse cântico de Filipenses (Flp 2,1-4) se orienta para essa recomendação: “*haja entre vós o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus*” (v. 5). O pastoreio do missionário *inter gentes* junto aos migrantes se aprende num caminho de esvaziamento tácito de seus referenciais socioculturais, e mesmo religiosos, a fim de que, num exercício de empatia em sua relação com eles, possa colocar em ato esse paradigma no diálogo na fé. É por meio de sua própria experiência de autoesvaziamento no encontro com o migrante, que o missionário se encontra em posição de fazer esta leitura de fé da condição existencial do migrante como uma *kénosis*. Seu discipulado, o aprendizado que se realiza na missão, se faz no encontro com as pessoas em mobilidade como personificações atuais do próprio Cristo. Na medida mesma em que compartilha por dentro a condição de vida do migrante, o missionário pode vivenciá-la e expressá-la como um autêntico lugar teológico, ou seja, a expressão genuína, na sociedade, do *kerigma* cristão. Dessa forma, ele se habilita para o testemunho, a partir da missão *inter gentes* junto aos migrantes, desse sinal específico de vida eclesial, na comunhão com toda Igreja.

Como se percebe, esse aprendizado, o discipulado missionário, não se realiza a título apenas pessoal. Ele é sempre direcionado por um envio, o que pressupõe sua incorporação e fidelidade à missão que constitui a Igreja Peregrina da qual ele faz parte. A missão *inter gentes*, como parte da missão de toda Igreja, é também compartilhar com ela a experiência dessa aproximação com o mundo dos migrantes. No exercício desse ministério, o missionário é enviado para contribuir na tarefa pela qual os povos em mobilidade poderão ver-se como membros de toda a Igreja, e a Igreja se verá como verdadeira comunhão também com os

migrantes e seus grupos de referência. Porém, é no âmbito da Igreja Local, em relações marcadas pela proximidade cotidiana, que se realiza a missão, o pastoreio, e a terminologia que melhor expressa essa prática missionária é a “compaixão”.

### **b) Compaixão: proximidade, empatia e autenticidade**

A “compaixão” não é um mero sentimento compartilhado num encontro com alguém que sofre. É na verdade um tema teológico que percorre toda a História da Salvação, e significa, em sua origem, as vísceras maternas que se revolvem ao verem o sofrimento do filho (1Rs 3,26). É desta forma que Javé, num acontecimento primordial de toda história de Israel, se comove pelo sofrimento do povo que clama no Egito, e “desce” a fim de resgatá-lo (Ex 3,7-10). Dessa forma também, Deus não quer a condenação do mundo, mas expõe as suas “entranhas de misericórdia”, e entrega o seu próprio Filho para salvá-lo (Jo 3,16). Assim, a compaixão tem sua origem no próprio Deus, e é ela que dá coerência e impulsiona a ação divina para ir ao encontro do seu povo. O paradigma da compaixão passa, dessa forma, a orientar o comportamento do povo de Israel: porque Deus tem compaixão do povo escravo no Egito, também Israel deve ter compaixão dos fracos, personificados no órfão, na viúva e no estrangeiro. Da mesma forma, pode-se afirmar que, na *kénosis* do Filho de Deus, são as “entranhas de misericórdia” de Deus que são expostas. Obediente ao desígnio do Pai, Jesus se comove por compaixão, e dá a sua vida para o resgate de muitos. Como mediador da nova e definitiva aliança, Jesus encarna a mesma compaixão de Deus presente em toda a História da Salvação, se apresentando como “um sumo sacerdote misericordioso e fiel” (Hb 2,17), porque conhece por dentro o sofrimento de todos os homens, e pode assim resgatá-los para Deus.

O missionário, portanto, deve se revestir destas mesmas “entranhas de misericórdia”, fazendo seus os “sentimentos de Cristo” (Flp 2,5) no cumprimento do mandamento da caridade. No plano das pastorais da mobilidade humana, a passagem da Escritura

que melhor expressa o significado da compaixão no encontro com o migrante é a Parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37). Paradoxalmente, Jesus a relata para explicar quem é o “próximo”, servindo-se de uma situação em que todos são “estranhos”, num lugar de liminaridade, um trecho de estrada que não serve de identificação para ninguém, onde um viajante é assaltado e “esvaziado” de tudo, sendo socorrido apenas por outro “estranho”, viajante como ele. A mesma condição de transeunte, em que o desconhecido assaltado e o samaritano estrangeiro se encontravam, vulneráveis que eram a iguais situações imprevistas de privação e sofrimento, provavelmente fez com que o samaritano se movesse de compaixão, e por isso se aproximasse desse desconhecido para salvá-lo. Este trecho evangélico paradigmático, em que uma situação migratória comum a todos os tempos, na qual dois estranhos são aproximados apenas pela compaixão, sendo privados de qualquer outra referência étnica ou religiosa, sinaliza para o significado da compaixão para as mediações pastorais nos trânsitos da sociedade globalizada. Não é à toa também que esse trecho seja paradigmático para a espiritualidade scalabriniana, daqueles que procuram se tornar “homem-ponte” no mundo da mobilidade humana.

Com efeito, a espiritualidade que deve acompanhar uma “Igreja em saída” nesses tempos de sociedade globalizada, marcada pelos mais variados fluxos, bebe dessa fonte da misericórdia e compaixão de Deus, a se realizar num cotidiano exercício de aproximação. O caminho da missão *inter gentes* não é diferente daqueles que empreendem qualquer atividade missionária hoje, nas palavras do Papa Francisco: “primeirar”, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar (EG 23-24). É o mesmo caminho de aproximação que pede qualquer iniciativa de missão, em que o exercício da compaixão é o testemunho de uma espiritualidade vivenciada concretamente. O que a parábola do Bom Samaritano, como paradigma de aproximação missionária, pode trazer de novo em vista de uma espiritualidade *inter gentes* no mundo da mobilidade humana atual, é que a compaixão só pode emergir quando há, simultaneamente, empatia e autenticidade. O “autoesvaziamento” tácito do missionário, e o esvaziamento real da

condição de vida das pessoas em mobilidade, não significam para ambos uma renúncia ou uma perda da personalidade e identidade social que construíram ao longo de suas vidas. Significa antes que, pela *kénosis* e compaixão, se pode fazer emergir outra fonte de identificação em meio aos encontros e desencontros do cotidiano de nossas sociedades atuais. Há a possibilidade de se criar uma comunidade de sentido, enquanto encontro na fé, de identificação com o mesmo Cristo, como o “rosto da misericórdia” e da compaixão de Deus, presente entre missionários e pessoas em mobilidade.

Vivencia-se assim a missão como exercício da liberdade do Evangelho, possível graças à autenticidade daqueles que se encontram, e à empatia com que experimentam como próprios os sofrimentos alheios. A compaixão exprime então esse “sair de si”, transcender-se, para se associar ao íntimo da condição de vida do outro, na autenticidade de sua identidade/alteridade, sem deixar de assumir a própria autenticidade de suas convicções mais íntimas. A compaixão pode assim se traduzir, nas estruturas cambiantes da sociedade complexa em que se inserem os migrantes, em práxis de ação pastoral. A missão *inter gentes* pode então, sem deixar de ser compaixão, tornar-se uma “ponte” nos encontros cotidianos entre os pequenos grupos de migrantes e as diversas instâncias e estruturas sociais e eclesiais. A compaixão pode assim se traduzir como mediação, e a vivência do Evangelho, num espírito de liberdade e desapego, perpassar todos os encontros e relações assumidos pelo missionário.

### **c) Permeabilidade: testemunho, diálogo e reciprocidade**

A espiritualidade do missionário *inter gentes* não é, portanto, uma mística de ambientes fechados e recolhidos. Ela acontece no meio do mundo, sob os inúmeros conflitos que caracterizam a sociedade contemporânea. É uma espiritualidade a ser vivida nos múltiplos espaços públicos e privados em que transcorre a vida dos migrantes e das pastorais da Igreja. Há de ser uma vocação para

uma profunda transparência de vida, uma liberdade despojada enraizada no Evangelho, movida pelas convicções mais simples e profundas do anúncio do Reino. Como *kénosis* e compaixão, ela também se traduz nos circuitos locais e globais da sociedade atual pelo que podemos chamar de permeabilidade.

A permeabilidade seria uma qualidade humana e espiritual do missionário *inter gentes* em contato com os migrantes nessa sociedade marcada pela mobilidade constante. Pois, permear significa “penetrar, atravessar, traspasar, vir e sobrevir” (Novo Dicionário Aurélio). A permeabilidade poderia ser assim, neste contexto, uma qualidade do missionário que permitiria uma atualização evangélica da *kénosis* e da compaixão, na medida em que, permeando as diversas e mutantes situações, a partir da percepção e comunhão com a condição existencial do migrante, contribuiria para o resgate de suas expressões de vida e de fé. A permeabilidade enquanto expressão da compaixão na pastoral teria a virtualidade de traduzir o intraduzível, transcender o irredutível, no testemunho sobre a presença de Deus na vida das pessoas em mobilidade. Permeabilidade significaria, neste sentido, também uma espiritualidade que permite atravessar fronteiras, ou se deixar atravessar por elas, “traspassando-as” e “esvaziando-as”, tendo como referência o paradigma da *kénosis* – a paixão, morte e ressurreição de Jesus – pela qual o próprio Deus aboliu todos os muros de separação, ao cruzar a fronteira da morte e da condição humana, para resgatar a criatura amada. Significaria para o missionário, a liberdade de poder atravessar as novas fronteiras da sociedade globalizada – mais complexas, porosas, sutis e invisíveis – para poder promover, de maneira original, o diálogo e a inculturação da fé.

Assim, a permeabilidade seria o traço espiritual próprio do “homem ponte” que todo scalabriniano busca ser. Um missionário permanentemente aberto ao diálogo, atento aos sinais novos que o Espírito suscita nas circunstâncias dos encontros em que se envolvem as pessoas em mobilidade. Pode assim exprimir uma autoridade evangélica, que estabelece relações de confiança e reciprocidade, para criar novas comunidades de fé nas

contingências locais e globais das sociedades contemporâneas. Uma autoridade e credibilidade que procede do fato de ser um homem que vive na “fronteira”, lugar de “passagem”, de “trânsitos”, das “páscoas” cotidianas vividas pelos migrantes. Um missionário que, por isso, vive na liberdade do Espírito, como São Paulo. Num diálogo polêmico com a comunidade de Corinto, São Paulo, na consciência de ser o *Apóstolo dos gentios*, a população submetida aos muitos fluxos da sociedade multicultural do Império Romano, declarou a partir de sua experiência, o que significa a liberdade evangélica:

*“Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho! Se eu o fizesse por iniciativa minha, teria direito a uma recompensa. Mas se o faço por imposição, trata-se de uma incumbência a mim confiada. Então, qual é a minha recompensa? Ela está no fato de eu anunciar o Evangelho gratuitamente, sem fazer uso do direito que o Evangelho me confere. Assim, livre em relação a todos, a fim de ganhar o maior número possível. Com os judeus eu me fiz judeu, para ganhar os judeus ... com os sem lei, me fiz um sem lei, para ganhar os sem lei. Com os fracos eu me fiz fraco, para ganhar os fracos. Para todos eu me fiz tudo, para certamente salvar alguns. Por causa do Evangelho eu faço tudo, para dele me tornar um participante” (1Cor 9, 16c-23).*

Assim, “homem ponte”, o missionário *inter gentes* é chamado a viver na liberdade do Evangelho as contingências do mundo atual. Discernindo na vida dos migrantes novos sinais do Reino, é chamado a “permeiar” todos os ambientes, testemunhar sua experiência de fé, identificar-se com todas as *gentes*, e entre elas estabelecer relações de diálogo e reciprocidade. Dessa forma, poderia ser ele mesmo, quem sabe, uma personificação viva da ação do Espírito.

## **Par atualizar a espiritualidade missionária no interior das sociedades complexas**

O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, em seu último capítulo, aponta para alguns princípios emanados da Doutrina Social da Igreja, úteis para agir evangelicamente no acompanhamento dos processos sociais e superar as tensões que lhe são inerentes. São guias para o missionário *inter gentes*, sobretudo quando atua nas pastorais sociais que lidam com as reivindicações das pessoas em mobilidade, e assim poder se relacionar e cumprir as mediações entre os diversos tipos de organizações sociais e os migrantes. São princípios que podem atualizar a espiritualidade missionária no interior das sociedades complexas, orientada por uma verdadeira universalidade evangélica na prática pastoral.

Primeiramente, “*o tempo é superior ao espaço*” (EG 223-225), diz respeito ao que se costuma chamar a “*paciência histórica*”, ou também “*ocupar-se mais em iniciar processos do que ocupar espaços*”. Nas realidades novas suscitadas nos cenários em que atuam as pessoas em mobilidade, na interação que realiza com os locais e grupos que encontra, o missionário é chamado a estar atento às possibilidades que aí se manifestam. Isso implica, simultaneamente, em ajudar a despertar a esperança, por um lado, e a sensibilidade para o cuidado, por outro. Ou, em outras palavras, o missionário deve aprender a “*guardar todas essas coisas em seu coração*” (Lc 2, 51b), para saber, conjuntamente com os migrantes que acompanha, discernir os caminhos e os rumos da caminhada. Citando a fala do Papa aos Bispos delegados do CELAM na JMJ no Rio de Janeiro (2013), o pastoreio *inter gentes* demanda dessa forma que o missionário esteja à frente, ao lado e atrás do povo, principalmente para “*para cuidar da esperança: que haja sol e luz nos corações. Homens capazes de sustentar com amor e paciência os passos de Deus em seu povo*”.

Em segundo lugar, “*a unidade prevalece sobre o conflito*” (EG 228-229), lembra ao missionário que no mundo dos migrantes, nas relações internas a seus grupos, ou na relação com outros grupos de migrantes e a sociedade que os recebe, as situações de

conflito são frequentes, múltiplas e variadas, manifestas ou latentes. Constantemente se vê chamado a arbitrar conflitos, e se adquiriu suficiente confiança e liberdade em nome do Evangelho, ele pode sinalizar para uma unidade maior votada a congregar a todos. Esta crença, enraizada na convicção de um coração pacificado e experimentado no ardor de conflitos, vividos numa identificação com a Páscoa do Senhor (“*Cristo é a nossa Paz*”, Ef 2,14), pode torná-lo um verdadeiro construtor de alianças:

*“a unidade é superior ao conflito ... Não é apostar no sincretismo ou na absorção de um no outro, mas na resolução num plano superior que conserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste” (EG 228).*

Em terceiro lugar, “*a realidade é mais importante que a idéia*” (EG 233), apela para que o missionário nunca perca de vista a realidade que tem diante dos olhos. Mais do que o apego às suas teorias e convicções, deve se apoiar na consciência sobre o solo em que seus pés estão pisando e sobre o espaço social e cultural que lhe envolve, nas circunstâncias próprias de sua ação missionária. Nunca deve perder de vista a condição social do migrante. Não é possível qualquer inculturação da fé no mundo da mobilidade humana, se não existe a lucidez sobre o que significa realmente a condição em que essas pessoas se encontram e as marcas deixadas por sua trajetória de vida. Não é possível levar uma esperança credível, fazer com que a Palavra de Deus tenha sua eloquência nessa realidade, se não se busca conhecer suas dores e angústias. Esse critério aponta que, mesmo no discernimento dos valores que devem guiar a espiritualidade e hermenêutica posta em prática na pastoral da mobilidade humana, deve-se prevenir sempre contra todo culturalismo ingênuo ou as formas disfarçadas de etnocentrismo. A hermenêutica prática que deve acompanhar o missionário no contexto em que atua, procura sempre a escuta, a empatia a partir da realidade percebida, para saber dialogar e fazer emergir dessa realidade, o novo da espiritualidade missionária *inter gentes*. Essa hermenêutica prática pressupõe essa confiança básica: que a partir da realidade conflituosa das relações e mediações

vividas junto aos migrantes, o Espírito realmente faz ouvir a sua voz.

Em quarto lugar, “*o todo é superior à parte*” (EG 235-237), traz para o campo da espiritualidade missionária a tensão característica de nosso tempo, de pessoas cujo pensar e agir acontecem polarizados entre o local e o global. O Evangelho, que diz respeito a toda realidade humana, sem dissolver o particular no todo, e nem fragmentar o todo nas pequenas parcelas do particular, isto é, sem descuidar a tensão dialética própria das realidades complexas contemporâneas, quer em todos os níveis fazer sobressair os sinais do Reino de Deus. É na realidade vivida pelos migrantes que as tensões entre o global e local talvez se façam sentir mais fortemente. O missionário *inter gentes*, em nome do Evangelho, deve saber cuidar em cada encontro com os migrantes daquilo que no cotidiano lhe toca mais profundamente, pois

*“...uma pessoa que conserva a sua peculiaridade pessoal e não esconde a sua identidade, quando se integra cordialmente numa comunidade, não se aniquila, mas recebe sempre novos estímulos para o seu próprio desenvolvimento. Não é a esfera global que aniquila, nem a parte isolada que esteriliza” (EG 235).*

Por isso mesmo, o missionário, justamente por cuidar da particularidade de cada grupo de migrantes, que faz o cotidiano de suas condições de vida, não pode deixar de estar atento ao global que perpassa e condiciona cada detalhe de suas vidas. São as grandes linhas de força da globalização que repercutem na instabilidade de suas vidas diárias, na segregação, invisibilidade e marginalidade em que tantas vezes se encontram. Mas, se *o todo é superior às partes*, também o é porque o missionário, movido por uma espiritualidade *inter gentes* a partir do Evangelho, pode ajudar a encontrar outras formas de integração na sociedade, e abrir horizontes mais amplos de sentido às pessoas em mobilidade, para além do restrito mundo em que se debatem.

Enfim, a universalidade evangélica, diante da complexidade do mundo atual, pede uma profunda simplicidade de coração, despojamento (*kénosis*) para discernir e concentrar-se no essencial. Ecoam mais uma vez aqui as mesmas recomendações que Jesus fazia aos seus discípulos, antes de se lançarem na missão (cf Mt 10,5ss; Mc 6,7-13; Lc 9,1-6; 10,2-12), pois é esse despojamento que permitirá ao missionário se aproximar de todos, transitar entre todos os ambientes, e ao mesmo tempo em que, na gratuidade de sua presença, dá credibilidade à sua disponibilidade para a mediação evangélica, também o torna disponível para acolher o que o Espírito manifesta nas realidades inusitadas vivenciadas pelos migrantes. Como nos ensina o Papa Francisco, sob tais condições, ser uma “Igreja em saída” que busca a eficácia evangélica significa discernir o essencial do Evangelho (EG 35), capaz de ecoar como sinal eloquente do Reino em qualquer situação e ambiente.

### **À guisa de conclusão**

Em 1996, a Congregação Scalabriniana celebrou um grande Congresso de Espiritualidade. Tive a graça de participar desse momento importante, em que missionários de tantos lugares diferentes trouxeram sua contribuição para tentar discernir um perfil comum para a espiritualidade scalabriniana. Já naquele período a Congregação passava por grandes transformações advindas da imensa inquietação de um mundo em mobilidade cada vez mais intensa. Relembro como foi difícil fazer uma síntese que englobasse e ajudasse a discernir o que poderia haver de comum naquela imensa riqueza de experiência mística em gestação. No entanto, as intuições de Scalabrini, de sua experiência na Estação de Milão, estavam ali vivas e atuantes. Hoje, elas ainda são o caminho mais seguro para o scalabriniano reencontrar as faces novas de uma espiritualidade missionária *inter gentes* junto aos migrantes, que pode bem ser a nossa contribuição mais original à missão da Igreja.

Talvez a melhor expressão da atualidade dessas intuições, tenham sido deixadas pelo Pe. Stelio Fongaro, CS, ao final daquele Congresso:

*Recorda-te, scalabriniano,  
de que foste concebido e nasceste  
sob o telhado de uma estação.*

*Esta é a tua shekiná,  
e a fumaça da locomotiva  
é a tua coluna de fogo no caminho do deserto,  
é a nuvem na qual foste batizado.*

*Recorda-te de que estação  
quer dizer partir, passagem, precariedade,  
desarraigamento, ruptura:  
quer dizer morrer.*

*Recorda-te  
de que estação quer dizer também chegar,  
“saudar de longe a cidade permanente”:  
quer dizer êxodo em direção à liberdade.*

*Por isso, recorda-te, scalabriniano,  
de que és uma árvore  
sem raízes: sim,  
mas como o mastro de um navio;  
recorda-te de que és uma árvore  
sem raízes: sim,  
mas exatamente como o madeiro da cruz!*